

## A DEMOCRACIA EM TEMPOS DE BIPOLARIZAÇÕES: A VIRTUAL TECNOCRACIA *CLICKBAITE* (A MALDITA AMBIÇÃO PELO PODER)

### DEMOCRACY IN TIMES OF BIPOLARIZATION: THE VIRTUAL CLICKBAIT TECHNOCRACY (OR THE DAMN GOLD HUNGER)

Jovino Pizzi<sup>1</sup>

Recebido em: 08/2019

Aprovado em: 10/2019

**Resumo:** Atualmente, a noção de intersubjetividade dialógica está sendo substituída pela virtualidade tecnocrática *clickbait*. Os conteúdos *online* seduzem as pessoas a favor ou contra as representações simbólicas, comerciais, publicitárias e político-ideológicas e/ou sociais. Ao despertar a curiosidade, a quantidade de *clicks* aumenta consideravelmente. O envio de tais enlaces, através do sistema *online* (ou redes sociais), sensibiliza uma grande quantidade de usuários da rede. O fato de despertar a curiosidade em torno a um determinado significado tem a finalidade de conduzir as vontades das pessoas. Essa virtualidade tecnocrática e instrumental amplia o abismo entre a vontade dos cidadãos e a falácia das falsas interpretações. A virtualidade aviva ainda mais a bipolaridade, com grandes índices de informações manipuladas e manipuladoras. No seio dessa esteira, o necropoder desvia a atenção para, assim, estabelecer um regime necrófilo.

**Palavras-chave:** Tecnocracia; Necropoder; Domesticação; Hospitalidade

**Abstract:** Currently, the notion of dialogic intersubjectivity is being replaced by the technocratic virtuality *clickbait*. Online content seduces people for or against symbolic, commercial, advertising and political-ideological and / or social representations. By raising curiosity, the number of clicks increases considerably. The sending of such links, through the online system (or social networks), sensitizes a large number of users of the network. The fact of arousing curiosity about a certain meaning has the purpose of driving the will of the people. This technocratic and instrumental virtuality widens the gap between the will of the citizens and the fallacy of false interpretations. Virtuality further enlivens bipolarity, with large amounts of manipulated and manipulated information. In the bosom of this mat, the necropoder diverts attention to establish a necrophilic regime.

**Key- Words:** Technocracy; Necropoder; Domestication; Hospitality

#### Introdução

Mesmo que seja em forma *demarketing* ou de publicidade, a virtualidade tecnocrática *clickbait* tende sempre ao convencimento apelativo, no sentido de incitar uma determinada compreensão em torno a ideias, pessoas, partidos políticos, religiões, tendências sexuais ou de

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Federal de Pelotas, programas de pós em Filosofia e Educação.

gênero etc. Na sua interpretação mais nociva, ela evidencia a tendência à domesticação das vontades e, com isso, uma estimulação a seguir ditames virtualmente veiculados. A induzi-las conforme interesses bem específicos, sem a devida comprovação ou, muitas vezes, com uma orientação, inexata, enganosa e/ou mentirosa.

Essa escalada virtual-tecnocrática das sociedades pós-tradicionais redefine as relações. Todavia, o perigo da manipulação das vontades é um dos fatores que domestica a interação entre os sujeitos, cuja motivação é, muitas vezes, a coerção sem nenhum compromisso moral. No caso, os indivíduos são tratados como seres isolados, na sua impessoalidade. Eles são levados a acreditar em mensagens forjadas, eletronicamente veiculadas, e, portanto, completamente desacopladas da realidade vivencial. Essa alienação em torno aos interesses e intencionalidades consolida uma relação instrumental-mecanicista.

Essa lógica da representação se contrapõe ao modelo da interação, impossibilitando o reconhecimento dos demais como sujeitos coautores. Em decorrência, a democracia se limita a resultados econômicos e/ou financeiros. Na verdade, o domínio virtual tecnocrático acaba por procrastinar a democratização, processo que vai minando qualquer reivindicação por direitos, sejam sociais, políticos ou econômicos. Daí, então, a preponderância dos interesses das elites e do mercado financeiro. Ou seja, a tendência em negar sistematicamente a solidariedade e a justiça, a ponto de entender o significado desses princípios como ofensivos.

Trata-se, pois, de uma tendência a consolidar o rentismo financeiro, uma democracia sem sujeitos, aumentando a abismos entre os que pensam e o assentimento passivo da massa. Essas políticas são delineadas por tecnocratas encarregados de ditar ordens e informações virtuais. O poder das decisões se concentra em alguns políticos de profissão, playboys economistas e tecnocratas encarregados de manipular informações de acordo com os interesses de rentistas e do mercado financeiro, fortalecendo a *auri sacra fames*.

### ***Auri sacra fames*: a febre de ouro transformada em ambição pelo poder**

“Maldita fome de ouro”, a expressão através da qual Virgílio denuncia e condena a ambição desmedida, não se vincula apenas às histórias europeias. A busca por ouro é, sem dúvidas, um dos atrativos da colonização latino-americana. Os fatos, os relatos e os testemunhos remetem aos “tesouros” que atraíram os europeus e alimentaram uma ferocidade desmedida dos forasteiros. A “entrega de outro e de outros tesouros” inflava a cobiça e a fúria dos europeus, provocando destruição e a morte não apenas das cidades e estilos de vida, como

também da própria memória (León-Portilla, 1984, p. 17). O terror, o medo, a ameaça e/ou a condenação passam a ser, então, os estigmas para o doutrinamento e a submissão.

*A ordem de entregar o ouro* (León-Portilla, 1984, p. 45) é a condição de capitulação, mas não garantia de sobrevivência. As crônicas quéchuas da conquista revelam a cobiça e a sede de outro dos estranhos forasteiros:

De dia e de noite, entre sonhos, todos diziam: *Índias, Índias, ouro, prata, ouro prata, do Peru*. [...] Continua até agora igual desejo de ouro e prata e se matam os espanhóis e desterra os pobres dos índios, por ouro e prata já ficam despovoadas partes deste reino, as aldeias dos pobres índios, por ouro e prata ... (León-Portilla, 1984, p. 99).

A presença de “estranhos” em terras astecas exigiu a fome de ouro e prata, uma ambição desmedida. A imagem de Hernán Cortês representa a substituição das imagens dos deuses astecas pelos ícones do cristianismo. Muito mais que um rito sagrado, o batismo significou a declaração de submissão ao rei da Espanha. Algo desse desastroso encontro de “mundos” aparece no filme *1492: La conquista del paraíso*.<sup>2</sup> Uma outra versão pode ser assistida em *La otra conquista*, filme dirigido pelo mexicano Salvador Carrasco.<sup>3</sup>

De uma forma ou de outra, a referência à conquista é de por si significativa para salientar o processo civilizatório e suas referências *fortes*: a cruz e a espada. Esses dois símbolos indicam *a fome de ouro*, que, para Virgílio, nada mais representa que um “maldito desejo”. O verso de Virgílio salienta a avareza com intenção de apoderamento dos bens dos outros. Nesse processo, não há pactos, pois a insaciável fome de ouro legitima qualquer ação. Na verdade, trata-se de espoliar através de meios ilícitos ou violentos. O fato inolvidável lembra o convite aos chefes indígenas para um banquete, momento em que todos foram assassinados.

Os séculos passaram e as novas investidas fortalecem o maldito desejo pelo poder, mais especificamente pelo *necropoder*. No capitalismo tardio, a espiral da tecnocracia desenvolveu e ampliou, de forma extraordinária, o “poder das elites”. Com isso, a ingerência sobre a política reduziu e, no fundo, desbaratou as possibilidades de um Estado democrático de direito com ares discursivos. Na verdade, trata-se de um poder necrófilo, pois as tomadas de decisão obedecem apenas aos interesses do um “grupo relativamente restrito” – isto é, 0,1% da população – o qual domina “as rendas mais elevadas” e, por isso, esses ricos não

---

<sup>2</sup> Direção de Ridley Scott, Gaumont, 1992.

<sup>3</sup> Título original *The other Conquist*, Twentieth Century Fox, 2008.

trabalham (Piketty, 2014, p. 270).

Esse grupo se utiliza de todas as artimanhas para domar a população e, assim, justificar as orientações coletivas. O prognóstico de uma “autodesintegração do núcleo social” é, sem dúvidas, um fenômeno ligado ao “crescimento de sistemas megatécnicos”, refletindo-se na “autonomização do governo do sistema frente ao mundo da vida” e na “dissipação da personalidade humana” (Honneth, 2011, p. 131). Embora essa percepção faça parte do rol de análises do tipo “negativo”, há uma crítica ao contexto vivencial relacionado às antinomias. Ou seja, por um lado, o ideal de uma perspectiva otimista em relação aos avanços das ciências e no ramo informacional, mas, por outro, o problema da autonomização dos poderes sistêmicos.

Em relação à virtualidade tecnocrática, o *marketing* do convencimento coletivo reduz a capacidade coletiva e a discussão pública, provocando uma dissolução do núcleo social da convivência. Assim, a política virou refém das ordens administradas virtualmente, impondo uma versão unilateral e onibarcante dos fatos e manifestações. Entre outros aspectos, esses grupos utilizam-se da religião como instrumento de justificação das demandas políticas. Não se trata da política enquanto discussão em torno das questões fundamentais da sociedade, mas de “códigos de um subsistema” controlado desde fora, isto é, aos imperativos funcionais de grupos de interesses ou dinásticas representadas na figura do soberano. O *locus of control* (ponto de controle e o cargo) permanece confinado a “elites intelectuais formadas por profetas e sábios, monges e predicadores ambulantes” (Habermas, 2015, p. 209).

A insistência de Habermas em diferenciarmos *político* (*le politique*) das *políticas* (*policies*) (2015, p. 207) é um dos aspectos fundamentais. Todavia, se o *político* designa o “campo simbólico” relativo às primeiras sociedades organizadas estatalmente, então o “poder político” não tem outra alternativa a não ser submeter-se às regras de um *nomos* vinculado à “força legitimadora de uma lei sagrada para ser aceita como justa” (Habermas, 2015, p. 208). Em outras palavras, o soberano constitui-se como “*representante* humano do divino.”

Para Habermas, essa imagem desvanece e, com a modernidade cultural e social, deixa lugar a um laicismo, isto é, a uma “secularização do Estado”. Mesmo assim, Habermas afirma que “a secularização do Estado não é a mesma coisa que a secularização da sociedade” (2015, p. 216). Tal asserção evidencia uma espécie de “ressentimento soterrado” de modo que o *nomos* sagrado permaneceu, durante alguns séculos, em *standby* para, nos últimos tempos, voltar com significante força e com ressonância em grande parte da sociedade.

Em relação a isso, há dois aspectos importantes. Em primeiro lugar, a progressiva

complexidade da sociedade. Esse processo reorganiza não apenas a sociedade, mas também os processos políticos e democráticos. Em outras palavras,

Quanto mais aumenta a complexidade da sociedade e os obstáculos relacionados à regulamentação da política, diminui a possibilidade de salvaguardar a ambiciosa ideia de democracia, segundo a qual os destinatários do direito deveriam ser, ao mesmo tempo, seus autores (Habermas, 2016, p. 57).

Nesse sentido, a legitimação da política obedece a um *poder* que responde aos apelos “dos imperativos funcionais” que, de uma forma ou de outra, prescinde dos sujeitos coautores. Com a espiral da tecnocracia, o processo político abandona o processo participativo para reduzir-se a clicamentos digitais. Ou seja, as redes virtuais substituem as redes de comunicação e a mobilização cidadã, consolidando uma virtualidade tecnocrática *clickbait*. A consequência mais evidente desse processo é a consolidação de uma democracia sem sujeitos (Pizzi, 2018).

A passagem do campo vivencial para a virtualidade tecnocrática institui uma guerra de informações, de modo que a rede de discursos *fake news*, com prejuízos não apenas aos sujeitos como tal, mas também na justificação dos encaminhamentos na área da política. Consolida-se, pois, uma guerra que aprofunda o abismo entre os interesses de indivíduos e/ou grupos e a formação de uma opinião pública e a vontade com sensibilidade coletiva. Ou seja, a arte da guerra penetra as redes de comunicação e obstruem a sensibilidade coletiva, corrompendo os ideais democráticos e a capacidade de atuar racionalmente. O enclausuramento dos sujeitos é fruto dessa guerra generalizada, dependente de receitas articuladas por “políticos de profissão, expertos economistas e professores especializados no assunto” (Habermas, 2016, p. 69).

O segundo aspecto diz respeito ao ressurgimento do âmbito religioso. Mais precisamente, trata-se de um processo não mais transcendente, mas desde uma perspectiva pós-metafísica, alterando alguns elementos da crença tradicional para introduzir uma teologia da prosperidade. Nesse sentido, o preceito do evangelista Mateus evidencia um modo de acumulação que, hoje em dia, é inerente à estrutura do próprio capitalismo de rentistas. Para Mateus, a quem tem será dado ainda mais e terá em abundância; e de quem pouco tem será tirado até mesmo o que tiver. No caso, a alegria será acrescida de mais alegria, com o que a liderança e a motivação se transformam em sal e fermento para o empreendedorismo voltado a favorecer a meritocracia dos mais competentes; enfim, uma louvação à teoria das

capacidades individuais e particularizadas. Em relação a isso, Rachels e Rachels se reportam à figura de Jabez, que rezou a Deus para “alargar seus territórios” (I Crônicas 4:10), e Deus atendeu ao pedido. Tal preconização está em um *best-seller*, “instando os cristãos a adotarem Jabez como seu modelo” (Rachels e Rachels, 2013, p. 70).<sup>4</sup>

No seio dessa discussão, inúmeras teses foram levantadas a respeito da religião. Mais recentemente, os fideístas reassumiram seu lugar e, então, se transformaram em eleitorado sensível a determinadas “imagens de mundo” um tanto messianistas. Desta forma, acentua-se a divisão entre dois “eixos” (o do bem e o do mal). A justificativa para a invasão do Iraque pelos Estados Unidos, por exemplo, estava ligada ao fator religioso ocidental – e *cristão* – que classifica as pessoas, os povos e os estilos de vida em pertencentes ao mesmo padrão, enquanto demoniza aqueles que não se coadunam com esse modelo. Enfim, persiste um discurso tendenciosamente dicotômico e excludente.

No caso, a justificativa indica um tipo de neoconservadorismo, o qual se aproxima do “princípio dinástico” e vai dividindo os grupos sociais e loteando os espaços de convivência (Déotte, 1998, p. 22). Com suas bases fundamentalistas, esses grupos se institucionalizam. Isso ocorre quando abrem mais igrejas, fundam e se inserem em partidos políticos ou, então, quando utilizam o espaço acadêmico ou escolar para a catequese, entre outras coisas. Desse modo, eles conseguem disseminar seu rechaço a qualquer tentativa de preocupação com o social. No caso, o novo significa apenas um messianismo restrito a dogmas de uma determinada tradição (cultural, religiosa ou ideológica). Para eles, as transformações representam um perigo e, por isso, o melhor que se pode fazer é assumir esse dogmatismo unilateral frente às inovações. Esse é o princípio básico dos neoconservadores.

Esse tipo de pregação apenas reforça o radicalismo de quem não quer discutir a questão, nem pressupor que ela possa ser debatida desde o ponto de vista de um ponto de vista moral secular e do Estado laico. Por outro lado, ganha força a tese de que a moralidade não “depende da religião” (Rachels e Rachels, 2013, p. 61 ss).

Apesar das reticências, é evidente que “o horizonte da modernidade está se deslocando” (Habermas, 1990, p. 11). A acomodação das justificativas mítico-narrativas auferiu, ao sujeito coautor, a total responsabilidade pela “validez das pretensões suscetíveis de crítica” (Habermas, 1988, p. 107). Com tal responsabilidade, os recursos do pensamento pós-metafísico introduziram um novo caráter aos conteúdos semânticos às tradições. Por isso, a

---

<sup>4</sup>Cf. o livro *The Prayer of Jabez: Breaking Through to the Blessed Life*, (Multnomah Books, 2000). A tradução brasileira é de 2004, com o título *A Oração de Jabez. Alcançando a Bênção de Deus* (Série Novos Horizontes).

perspectiva pluralista se ampara em um tipo de fundamentação pragmático-discursiva. No fundo, não há mais como propalar por “*uma ética confessional-religiosa ou, então, confessional-laico*” (Cortina, 1998, p. 115).

### **A democracia sob os auspícios da guerra**

A democracia sem sujeitos supõe apenas atores observadores, isto é, testemunhas fragilizadas e impotentes, pois o *monolinguismo paroquialista* preconiza um “toque de recolher” a ponto de alterar drasticamente a intersubjetividade comunicativa. A expressão mais eloquente dessa “perda” está no livro de Vera Mary Brittain, *Testament of youth* (1933). A autora inglesa abandona seus estudos para assumir a tarefa de enfermeira durante a primeira guerra. A experiência revolucionou sua percepção e, a partir daí, empenha-se, no decorrer de sua vida, a causa pacifista e na defesa dos direitos das mulheres.

*Testament of youth* transforma-se série televisiva da BBC e, posteriormente, adaptada ao cinema por James Kent.<sup>5</sup> Traduzido ao português como *Juventudes Roubadas*, o núcleo temático trata da destruição de jovens vidas e do futuro da juventude a causa da Primeira Grande Guerra do hemisfério norte. O filme faz um recorte e se ocupa dos meses antes do conflito, do conflito em si e do período posterior. Mas o livro destaca o contexto entre os anos de 1900 e 1925, período que acirrou a guerra, cujas consequências salientam o divisor de águas de uma Europa dividida, segmentação que se aprofunda com a formação da União das Repúblicas Soviéticas.

O foco central do livro *Testament of youth* é a guerra e seus horrores. A dramaticidade atinge a vida de todos, assolando até mesmo os “bem nascidos”. O depoimento da autora destaca sua experiência como enfermeira para cuidar dos feridos, prova que marca o início de sua luta pelo pacifismo. Como já foi salientado, na guerra não há pactos ou diálogos; apenas tréguas ou suspensão temporária do armistício. A respeito dos acontecimentos, Habermas lembra o ano de 1914,<sup>6</sup> dando início a “uma época de guerra total e de opressão totalitária, de barbárie mecanizada e de genocídio burocrático” (2006, p. 14). Os enfrentamentos belicosos permeiam boa parte do século XX.

No entanto, os “interesses materiais do Ocidente” nunca cessaram, recobrando-se em forma de choque de civilizações, cuja dinâmica de desenvolvimento salienta a “degradação e

---

<sup>5</sup> Produção BBC Filmes (2014) e produção de Heyday Films e Screen Yorkshire; distribuição da Sony Pictures.

<sup>6</sup> Mais especificamente, Habermas está se referindo aos acontecimentos de agosto daquele ano.

a extensão da miséria a regiões e a continentes inteiros” (Habermas, 2006, p. 25). A “assimilação violenta dos débeis pelos mais fortes” é “expressão de violência latente”, cuja “ontologização da relação amigo-inimigo” realça o caráter belicista (Habermas, 2016, p. 27).

Evidentemente, com o fim “da Segunda Guerra Mundial e da catástrofe moral do Holocausto” (Habermas, 2016, p. 81), a perspectiva hegemônica salienta não somente uma retórica, mas também a atuação de governos e empresas privadas. Nesse processo, é possível que movimentos pentecostais tenham encontrado no Brasil e na América Latina um lugar propício para desenvolverem suas atividades. No caso, haveria uma migração da Inglaterra para os Estados Unidos e, nos últimos anos, um incremento de suas atividades no Brasil e em diversos outros países do continente.

Com isso, prolifera uma rede – nem tanto coesa – de “igrejas” de denominações das mais variadas. Muitas delas fazem parte de uma rede internacional; outras surgem em decorrência dessa proliferação e iniciam, então, um processo de doutrinação com base na intuição de caráter neopentecostal. Essa linha encontra ressonância em grupos tradicionais, pautados pelo conservadorismo. A junção da perspectiva teológica com o conservadorismo dá origem a fanatismos que, na ampliação de seu leque de influência, passa a exercer o gerenciamento do âmbito político.

Esse aparelhamento resguarda sua perspectiva transcendental, mas com um horizonte mundano. Em outras palavras, esses movimentos pregam o êxito e a sucesso terrenal. A libertação é um processo concernente à esfera das atividades vivenciais, prometendo a salvação imediata através da eliminação dos males que afligem as pessoas. No caso, a recompensa econômica também faz parte do conjunto da obra. Por isso, esses movimentos apresentam um viés economicista<sup>7</sup>, conquanto a promessa de “bons frutos” se traduz em bens materiais.

Assim, a guerra deixa de ser um armistício entre países e/ou regiões, mas entre os designados para a salvação *contra*os infiéis. Não há propriamente um espólio, mas o desejo insaciável de *ouro*, isto é, na ostentação da riqueza. A locução latina *Quid non mortalia pectora cogis* encontra seu aspecto de avareza quando conjugada com *Auri sacra fames*, traduzindo-se como a malvadeza de um coração tomado pelo maldito desejo de ouro. Na verdade, a intenção de apoderar-se de ouro revela uma dupla perspectiva: por um lado, o aspecto sagrado do desejo e, do outro, a nefasta e deplorável avareza humana.

O título do livro de Vera Mary Brittain salienta, pois, a defraudação da vida como tal,

---

<sup>7</sup> Ou, então, uma atitude com base na teologia da prosperidade.



de forma a ceifar as vidas, usurpando-lhes não apenas a liberdade, mas também a fruição do viver e compartilhar projetos intersubjetivamente compartilhados. De um lado, persiste o desejo de uma democracia – ainda que seja mínima – e, do outro, dissemina-se o ódio, o rancor, as ameaças e a violência desmedida.

### **Democracia ou capitalismo? A desintegração do Estado de direito**

A espiral da tecnocracia consagrou o capitalismo de rentistas. Neste caso, a afecção por réditos seduz o quefazer humano, consolidando o refrão de que tudo vale. Essa modalidade não se traduz apenas em luta por sobrevivência, mas na habitual “caça por ouro”. O atual sistema incrementa a sede por riqueza, presumindo que todas as pessoas podem conseguir tudo o que desejarem. Para isso, é o bastante etangível “colocar ouro diante das narinas dos humanos” (Beck, 2000, p. 72).

Tal imagem de Ulrich Beck reforça o empreendedorismo no desenvolvimento dos talentos, algo intrínseco de uma economia de mercado do tipo capitalista. Nesse sentido, Beck afirma que “o capitalismo é jovem e detesta as muletas, as próteses e as cadeiras de roda” (Beck, 2000, p. 72). Assim, fala-se de capitalismo jovem da mesma forma que se adverte que nossa democracia também é jovem. Com sua vivacidade, o capitalismo segue produzindo seus frutos, enquanto a democracia ainda não alcançou sua maturidade (seja no campo da gestão pública como também nas mentalidades dos cidadãos).

Dessa noção, nasce a discussão a respeito de um capitalismo democrático (Habermas, 2016, p. 114). A indagação, apresentada como título de texto de Habermas não deixa dúvidas a respeito da miséria da fragmentação e da crise dos Estados nacionais em uma sociedade mundial integrada pelo capitalismo. Na verdade, trata-se de uma pergunta cuja opção exclui um dos polos. De um lado, o otimismo relacionado ao potencial do liberalismo desenfreado e, por outro, as sucessivas crises com consequências sociais nada promissoras.

A indagação a respeito da incompatibilidade – ou não – entre democracia e capitalismo coloca, frente a frente, três atores fundamentais: a) o Estado, “que se alimenta dos impostos e se legitima através das eleições” regulares; b) a economia, “que deve ocupar-se pelo crescimento capitalista e pelas arrecadações suficiente de impostos”; c) e, por fim, os cidadãos, “que prestam ao Estado seu apoio político em troca da satisfação de seus interesses” (Habermas, 2016, p. 119).

Embora o papel de cada um desses três autores possa ser rebatido, o quid da questão

tem por foco o dever do Estado, voltado a atender as expectativas de benefício, ou seja,

as condições fiscais, jurídicas e de infraestrutura para um rendimento do capital voltado à produção de benefício; e, ao mesmo tempo, deve garantir as iguais liberdades para todos e cumprir as exigências da justiça social, encontrando o equilíbrio em relação às duas caras da mesma moeda: uma distribuição da renda justa e uma segurança de seu status social, ao tempo que assegura determinados serviços públicos e a manutenção dos bens coletivos (Habermas, 2016, p. 119).

Em relação a isso, o modelo neoliberal “outorga prioridade aos interesses do rendimento do capital” em detrimento às exigências da justiça social. Em outras palavras, o atual modelo concedeu aos rentistas a garantia de benefícios a seus investimentos. Essa primazia seria a causa da crise das atuais? Ou seja, a heteronomia dominante ou os interesses dos investidores se transformam em força eliminadora da autonomia da política, tornando-a refém dos investidores e do sistema financeiro. Afinal, a política nada mais representa a não ser os interesses de grupos, o agraciamento ao empreendedorismo de caráter meritocrático.

Nesse sentido, é importante ressaltar as consequências do “egoísmo racional” e do auto-enclaustramento, atitudes que reforçam o temor, a raiva, o medo e a insegurança. A propensão à autopreservação individual se traduz em monismo de um sujeito particularizado. O individualismo gera desconfiança e hostilidade entre as pessoas, reféns de retóricas produzidas por robôs, informações falsas e propaganda computacional. Os simulacros, artificialmente produzidos, representam o “caráter abusivo” de técnicas voltadas ao direcionamento das decisões humanas. Em suma, o reducionismo tecnológico acaba diluindo as fronteiras entre o horizonte da razoabilidade e as formulas anônimas das mensagens online.

O fato de insistir em sentimentos de raiva, medo, insegurança e ódio salientam o delírio de soluções mágicas. No decurso dessa marcha, a única justificativa é a repulsão de *a*, *b* ou *c*. A repetição de mensagens eletrônicas vai criando um clima propício para a ter fé em ficções fabricadas eletronicamente, com a impressão de que tal construção surge da sociedade e das pessoas. A virtualidade tecnocrática *clickbait* desenvolve e dissemina representações simbólicas, valendo-se de robôs e na propaganda computacional para difundir perfis falsos. Tais representações seduzem as pessoas, não apenas manipulando desejos e vontades, mas consolidando um modelo de democracia sem sujeitos.

Diuturnamente, a quantidade de dados e informações vilipendia a confiança nas pessoas, forçando-as a se refugiarem em bolhas individualizadas. O nível de desinformação alcançou patamares absurdos. Na verdade, não sabemos exatamente o que está acontecendo e,

além do mais, não temos nenhuma segurança do que poderá acontecer no dia de amanhã. As análises atuais tornam-se tão velhas como as de ontem e de outrora.

As mudanças extraordinárias exigem, pois, metodologias de análise renovadas e com especificidades detalhadas. A bipolaridade *Heil und Unheil (salvation and evil)* parecem conformar dois extremos a definir a identidade coletiva. Os símbolos e ritos servem para classificar quais ações são dignas abençoamentos e quais devem ser condenadas. O poder do monarca, representante político e divino, define os limites entre uma e outra polaridade.

Entre duas possibilidades, a arte de ver o mundo e a realidade se baseia em simulacros, uma espécie de dissonância cognitiva que inventa, imagina, projeta e alimenta situações, contextos e/ou realidade. Nesse sentido, parece que os humanos somos piores do que imaginamos ser. Ou seja, a concepção antropológica guarda uma noção abstrata de si mesma, a qual revela sua inospitalidade. Com um rosto humanístico, os antropoides escondem uma fisionomia anti-humanista (Gómez Pin, 2006, p. 13).

Além do mais, a bestialidade estaria ligada aos humanos, enquanto os *robots* e a virtualidade tecnocrática apresentaria uma confiabilidade fidedigna. Assim, a designação de autômato incorpora essa nuance acentuadamente virtual, transformando as pessoas em marionetes do sistema. Os indivíduos aparecem, então, como forasteiros do mundo da vida. Ou seja, suas percepções não coadunam com a realidade, a ponto de apostarem em soluções mágicas e fantasmagóricas, muitas vezes sem qualquer vínculo com os valores e as normas sociais e conviviais.

Ao trazer a discussão a respeito da democracia *versus* capitalismo para a América Latina, há duas questões importantes. Em primeiro lugar, a heteronomia dos interesses e, em segundo, a questão da importância do Brasil e o futuro da democracia. Sem qualquer dúvida, a mão visível dos interesses mercadológicos assegurou autoimunização frente à política e, de uma forma ou de outra, impuseram o domínio nas relações comerciais. A tendência à autoimunização do mercado foi um dos motores relacionados aos interesses da colonização e é, sem dúvidas, um forte argumento a favor da soberania do mercado.

A febre por ouro dos espanhóis se vincula ao processo extrativista brasileiro. Não houve processo de desenvolvimento, mas fases extrativistas que, nos últimos tempos, despoliaram os recursos do solo e do subsolo. Cada vez mais, a política e as políticas seguem as regras de um mercado sem alma e sem qualquer compromisso moral, acentuando a precarização do trabalho e transformando o Estado em instrumento do próprio mercado. Nesse horizonte, as discussões políticas acabam polarizadas entre atender a “fome de ouro”

dos especuladores e a legitimidade de um Estado voltado à solidariedade e a justiça.

O mais grave ainda dessa perspectiva concerne ao fato de o “destino político” do bloco da América Latina seja determinado por “forças estrangeiras que representam os interesses de outras nações” ou, então, de corporações alheias a suas populações. No caso, o futuro desses países estaria desenhado pelos interesses de outras potências mundiais. O deslocamento do poder mundial passa a estar dividido entre ocidente e oriente, mas a América aparece com coadjuvante de segunda ou terceira ordem, esvanecendo sua importância como ator. No interior desses países, a debilidade aparece como um *input* para governos voltados a atender o mercado e, portanto, sem qualquer compromisso moral.

### **Considerações finais: o que esperar em uma era de *domesticação***

Para começar, a *domesticação* é o antônimo de rebeldia, insubordinação, obstinação e indisciplina. As consequências refletem a obediência e a domesticação das vontades coletivas. O sintoma é o aquietamento ou o falso apaziguamento da sociedade. Na medida em que o nível de violência exacerba, aumenta o enclausuramento das pessoas, reduzindo suas relações à virtualidade *clickbait*, isto é, clicar dispositivos para receber e enviar mensagens a seus grupos restritos. Às vezes, basta uma mensagem – independentemente da origem ou de seu teor – aparecer no grupo para ser crível e digna e confiança.

Os modelos atuais de democracia estão ligados ao Estado moderno. Da guerra de todos contra todos, o Estado aparece como um agente fundamental para assegurar os direitos e as garantias individuais e na gestão da sociedade. Daí, nasce, então, a democracia, ou melhor, o atual modelo representativo de democracia, com a finalidade de atender os interesses dos indivíduos. Na base, são vários os princípios, como a separação dos poderes, eleições regulares, diversidade de partidos, o caráter de laicidade do Estado, etc.

Para Kant, o convívio está relacionado às “condições da *hospitalidade universal (Wirthbarkeit)*”, pois *ninguém* deveria “ser tratado hostilmente” (Kant, 2005, p. 27). Kant está se referindo ao estrangeiro, mas, atualmente, as exigências relacionadas à noção de geoculturalidade não se limitam ao rechaço ou ódio ao estrangeiro, mas ao modo como alguém deve ser tratado em qualquer país. *O direito de hospedamento* – no sentido de *hospedagem* – sinônimo de hospitalidade – significa a garantia de um lugar agradável aos sujeitos coautores, considerando sua diversidade. Em outras palavras, trata-se do “direito a se apresentar à sociedade” ou, nas palavras de Kant, a “suportarem-se uns aos outros e de ninguém ter mais

direito que outro a estar em um determinado lugar da terra” (2005, p. 27). Assim, o compartilhar permite e garante, a cada um, *conviver* como pertencente a uma comunidade ilimitada de comunicação.

## Referencias

BECK, U. **Un nuevo mundo feliz**. La precariedad del trabajo en la era de la globalización. Barcelona; Buenos Aires; México: Paidós, 2000.

CORTINA, A. **Hasta un pueblo de demonios**. Ética pública y sociedad. Madrid, Taurus, 1998.

DÉOTTE, J.-L. **Catástrofe y olvido**. Las ruinas, Europa, el Museo. Santiago: Editorial Cuarto Propio, 1998.

GÓMEZ PIN, V. **Entre lobos y autómatas**. La causa del hombre. Madrid: Espasa Escalpe, 2006.

HABERMAS, J. **Teoría de la acción comunicativa**. Madrid, Taurus, 1988, vol. I.

HABERMAS, J. **Pensamiento postmetafísico**. Madrid, Taurus, 1990.

HABERMAS, J. **El Occidente escindido**. Madrid: Trotta, 2006.

HABERMAS, J. **Mundo de la vida, política y religión**. Madrid: Trotta, 2015.

HABERMAS, J. **En la espiral de la tecnocracia**. Madrid: Trotta, 2016.

HONNETH, A. **La sociedad del desprecio**. Madrid: Trotta, 2011.

HONNETH, A. **O direito da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

KANT, I. **Sobre la paz perpetua**. 7 ed., Madrid: Tecnos, 2005.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. **A conquista da América Latina vista pelos índios**. Petrópolis: Vozes, 1984.

PIKETTY, T. **O capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

PIZZI, J. Democracias bajo efectos *clickbait*. La gramática pronominal como respuesta a la virtualidad tecnocrática. In: *Veritas*. Revista de Filosofía y Teología. Santiago de Chile, N. 39, abril de 2018, p. 33-53.

RACHELS, James & RACHELS, Stuart. **Os elementos da filosofia moral**. Porto Alegre: AMGH, 2013.